A Significação da Cultura e a missão da Academia (*)

Artur Eduardo Benevides

Ao assumir a presidência da ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS, recebendo-a das mãos de seu Presidente de Honra, Dr. Antônio Martins Filho, figura da maior expressão da vida universitária do País, é meu dever e meu prazer manifestar o mais cordial agradecimento aos Colegas que me elegeram para o mais alto posto de sua hierarquia, assegurando-lhes o propósitto de tudo fazer, dentro dos limites da humana condição, em favor da cultura de nossa terra.

Difícil será, contudo, administrar esta Casa, depois do desempenho de meu antecessor, o Acad. Cláudio Martins, que soube conduzir, com dedicação e firmeza, os destinos da Instituição.

Cabe-me agora, não com tantos méritos, mas com igual vontade de servir, dar prosseguimento aos trabalhos de nossa gloriosa entidade, a fim de que as Letras cearenses não se afastem de seu ritmo histórico e de seu espectro ascensional, dentro das mais autênticas tradicões intelectuais do nosso Estado. Sou, porém, neste momento, como diria Cecília Meireles,

> o pastor pequenino
> muito menor que o rebanho.

Mas tenho, talvez, aquela sabedoria da humildade, a que se referiu T.S. Eliot, sabendo a honra de ser o dirigente maior da Academia é fugaz ou transitória, como todas as cousas do mundo, como se lê na *Imitação de Cristo. Malgré tout,* procurarei mostrar-me digno da confiança que tantos depositam em mim e em meus Companheiros de Diretoria.

Pertencendo à categoria do *Homo aestheticus*, ou do *Homo poeticus,* da classificação de Spranger, sei que o ter é sempre menor que o ser. O importante é existir na plenitude do espírito criador, procurando abrir caminhos no mundo e nas almas. O resto, para servi-me de palavras de Göethe, procuro deixar, confiante, nas mãos do Onipotente.

(*) Discurso proferido ao assumir a presidência da Academia, a 15 de janeiro de 1993.

Aos guardiães do espírito prático e geométrico, que menosprezam a Arte e a Literatura e nos condenam, com seu impenitente utilitarismo, por valorizarmos o sonho, como se este fôra um vitupério; a esses fiéis vassalos do espírito farisaico e burguês, que o Cristo definiria como sepulcros caiados e para quem ser poeta ou artista constitui uma espécie de atividade minimizante e marginal da inteligência; a eles lembrarei a fábula de Esopo, em que o arrogante pavão condena o pequenino grou por não ter ouro, púrpura e outros atrativos em suas asas, recebendo, de pronto, a resposta inesquecível: "mas canto perto das estrelas e posso chegar à vastidão dos céus". E as palavras de Nietzsche parece que foram escritas com o poder do fogo sobre as rochas: "como suportaria eu ser apenas homem, se não fosse também poeta, decifrador de enigmas e redentor de infortúnios?"

Por isso mesmo, procuro acender, diariamente, o candelabro invisível da esperança, nestes tempos que Bertold Brecht chamou de sombrios e Kierkgaard já antevia passionais e tumultuários. Creio ser indispensável acreditar e sonhar, mesmo que haja, ao longe, rumor de lutas e clarão de batalhas. E é certo que o mundo nunca precisou tanto, como agora, de utopias e de gestos de solidariedade e de justiça, como destacaria Charles Chaplin, sabiamente, nas cenas finais de *O Grande Ditador*. Por perdermos considerável substância poética, nos prélios da vida, lançamos fora, também, um pouco de nossa própria humanidade, esquecendo os caminhos da Fonte e daquele Reino Divino que está dentro de nós, o que torna mais terrível o nosso pesadelo.

Bem sei, Srs. Acadêmicos e nobres convidados, que a missão ora empossada, que conta com a extraordinária lucidez de Mozart Soriano Aderaldo e Moreira Campos, nas duas vice-presidências; com o espírito magnânimo de Ribeiro Ramos na Secretaria Geral; com a inteligência de Argos Vasconcelos e Teoberto Landim nas duas Secretarias; com a eficiência de Osmundo Pontes e Costa Matos na Tesouraria e a erudição e nobreza intelectual de Noemi Elisa Aderaldo na Diretoria da Publicações, a esta Diretoria cabe comandar as solenidades que assinalarão, a 15 de agosto de 1994, o nosso primeiro Centenário. E todos os esforços serão feitos no sentido de que um *frisson nouveau* (e a expressão é de Victor Hugo em elogio a Baudelaire) perpassa pela vida literária do Ceará, em decorrência da luminosa data.

É pensamento nosso transformar esta heráldica sede num verdadeiro Palácio da Cultura, trazendo para o nosso convívio as demais Academias e órgãos culturais que merecerem, por seu dignificante trabalho, o nosso apoio e incentivo.

Destaque-se o fato de que a longa história desta ilustre Casa

remonta aos últimos anos do século XVIII, tendo sido inicialmente, como se lê em Gustavvo Barroso, a residência particular do Capitão-mor Antônio de Castro Viana, servindo depois ao Senado da Câmara e, a partir de 1809, aos presidentes da Província, Governadores e Interventores. Recordo que aqui estive, como estudante de Direito, exercendo as funções de Secretário do último Interventor Federal no Ceará, Desembargador Feliciano de Athayde. Não faz muito, porém, por generosa decisão do Governador Tasso Jereissati, a Academia aqui se instalou, em caráter definitivo, e sob este teto, que guarda memórias tão expressivas de nossa vida, participaremos das galas do 1° Centenário.

Do programa elaborado para o biênio que se inicia constam, entre outros, os seguintes tópicos:

1. publicação dos números atrasados da Revista, o primeiro dos quais é o ofertado hoje aos intelectuais cearenses;
2. realização de três Cursos de Literatura;
3. publicação de uma *Pequena História da Academia*, a cargo do historiador Vinícius Barros Leal, para distribuição durante os festejos do 1° Centenário;
4. idem de uma *Antologia do Centenário*, organizada por Sânzio de Azevedo, contendo páginas assinadas por todos os Acadêmicos, com as respectivas biografias;
5. comemoração do centenário de nascimento de Martinz de Aguiar, Dolor Barreira e Antônio Furtado, em 1993, e dos centenários de Joaquim Alves e Leite Maranhão, em 1994;
6. realização da 1ª Mostra do Livro Cearense neste século;
7. concessão de títulos honoríficos e da Medalha Thomás Pompeu a eminentes personalidades do Estado e do País;
8. entendimentos visando à realização, em nossas dependências, da sessão da Academia Brasileira de Letras, em agosto do próximo ano;
9. instituição do Colar Acadêmico, para uso dos Titulares, em todas as solenidades;
10. instalação, no auditório da Academia, de uma central de ar-refrigerado;
11. instituição de prêmios e diplomas de Mérito Cultural, incluindo-se, nas categorias, um especial para autores jovens;
12. realização de palestras sobre temas e problemas literários do País e do mundo, iniciando-se a série com o Prof. José Santiago Naud, da Academia Brasiliense de Letras.

Sonhos? Talvez. Mas, quem viverá sem eles, sem esse manto de estrelas a iluminar a vida? Os sonhos impulsionam a humanidade, ao lado da esperança, que nos alenta nos momentos mais dificeis, mesmo sendo cega, lembrava Ésquilo. E todo o meu itinerário está pontilhado de sonhos: os que se transformaram logo em cousas reais e os que demoraram a frutificar. Para os realizar, no entanto, jamais dobrei a cerviz diante dos senhores do mundo. Só em curvei até hoje - e já o disse alhures - a fim de agradecer as dádivas de Deus e levantar do chão os que haviam tombado ou caído. Nas horas turbulentas e tredas, busquei sempre a Luz. E no silêncio benfazejo de minha biblioteca, procurei, na Literatura, as cousas que estão guardadas sob o sol de outono da beleza.

Só o eterno me fascina: a poesia, a música, a dança, o amor, o mistério, a porção, a noite, o mar, o tempo, as mágicas e transcendentes, a viagem, a solidão e o secreto ritmo dos seres. E mais: o poder criador da palavra, desde o Verbo inaugural; o sumo da sabedoria dos séculos; a grande fonte que brota de Homero e se amplia por todo o Ocidente; os trágicos da Grécia, sobretudo Sófocles; a lírica de Camões, que rejuvenesce com passar dos anos; a grandeza dos ritos e dos mitos; a vastidão intemporal do fantástico; as grandes lendas, as parábolas evangélicas e as fábulas imperecíveis; a obra poética de um Rilke, de um Hoelderlin, de um Eliot, de um Fernando Pessoa, de um Ezra Pound; o gênio de Dante, que Longfellow comparou a uma catedral; as belas criações de Göethe, de espírito a um só tempo dionisíaco e reflexivo; o *Dom Quixote*, bem maior do que Cervantes; a profundeza dramática de um Shakespeare, com lições eternas; a busca do tempo perdido em Marcel Proust; a ficção de Tolstoi, Tchekov, Faulkner, Thomas Mann, Bernanos, Joyce, Charles Morgan, Ernesto Sábato, Marguerite Duras e tantos mais, sem esquecer, na Língua Portuguesa, a obra da Eça, Miguel Torga, Alencar, Machado e Octávio de Faria, ou livros como o *Jornal Literário* de Ascendino Leite (já em 15 valiosos volumes); *Os Sertões*, de Euclides da Cunha; *Invenção de Orfeu*, de Jorge de Lima; *Grande Sertão: veredas*, de Guimarães Rosa; *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre; *Fogo Morto*, de José Lins do Rego; *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos; *Terras do Sem Fim*, de Jorge Amado; *A Bagaceira*, de José Américo de Almeida; e a obra social e telúrica de nossa Rachel de Queiroz, de *O Quinze* ao *Memorial de Maria Moura*, numa terra que já nos dera Domingos Olímpio a Oliveira Paiva, Adolfo Caminha e Gustavo Barroso, este com os ensaios de *Terra de Sol* e a bela trilogia de suas memórias de Fortaleza.

Henri Corbin, no livro *Temple et Contemplation* (Paris, 1980), fala-nos da existência de uma "Cavalaria espiritual e iniciática", a que certamente pertencem todos os grandes poetas do mundo, cujo incessante ofício é dar testemunho e relatar, para o eterno, *la douleur*

de vivre, transfigurando as imagens pelo poder das metáforas, a fim de que alguns versos possam chegar, num fim de tarde, aos pés de Deus. Não é nossa função histórica transformar a sociedade, mas melhorá-la pelo ideal do amor e a chama da justiça, repetindo aos ouvidos do tempo as palavras deixadas pelos Anjos. E o ato de cantar, sendo miticamente uma lição de Orfeu, é também uma herança de Prometeu, que arrebatou aos deuses o fogo do conhecimento, inaugurando a primeira civilização, que corresponde, biblicamente, à civilização adâmica.

Acho que os escritores e os artistas não devem viver preocupados em criar suas obras à sombra de modismos transitórios, produzindo uma literatura apressada, ou de *pane lucrando*. Nosso compromisso é apenas com a verdade e com a beleza. Por isso, amamos e procuramos interpretar, no tempo e no espaço, a resplendente solidão das almas e do mundo. Afinal, como ensinou Pessoa, "Deus quer, o homem sonha, a obra nasce". E isso é algo de irrefutável grandeza, sendo a Literatura uma perpétua recriação dos seres, do tempo e da vida.

Lembre-me, a propósito, que o saudoso Acadêmico Braga Montenegro, de larga cultura literária, anunciou, por mais de quinze anos, o romance *Jerereú*. Morreu, porém, sem concluir o seu projeto, preocupado sempre com o aperfeiçoamento conteudístico e formal da obra. Exagero? Não. Responsabilidade de quem contemplou a Literatura em sua altitude de séculos e milênios. E não esqueçamos o fato de Göethe haver consumido muitos anos entre o primeiro e o segundo *Fausto*, legando-nos, porém, uma obra imperecível.

Talvez por pensar assim haja merecido a vossa escolha, Srs. Acadêmicos. E não pude esquivar-me ao solene compromisso que assumo com o Ceará. Vou dirigir a nossa Instituição, com o apoio inconcusso dos ilustres Companheiros, como quem se entrega a um *munus* de altíssima significação. E creio estar a praticar, com isso, um ato poético, já que a Poesia, em seu étimo grego, expressa a idéia de criação ou invenção. E o poeta, como escreveu Francisco Campos, em lapidar saudação a Augusto Frederico Schmidt, é, fundamentalmente, um homem de ação, reinaugurando, com sua vigorosa noese, a faca da esperança e da vida.

Por isso, tomando nas mãos a flâmula secular da Academia, seguirei confiante, com meu inarredável quixotismo, a enfrentar os dragões do pessimismo e os moinhos de vento da indiferença, acreditando no Ceará e em sua grande Literatura e servindo aos ideais humanísticos, que nos ajudam a visualizar os caminhos do espírito ou as invitações do tempo, sem esquecer, contudo, que a única novidade é o eterno.

Se cada um tem uma tarefa a cumprir, a nossa, Srs. Acadêmicos, sob o dístico *Forti Nihil Difficile*, que inspirou a vida de Lord Beaconsfield, é trabalhar pela glória cultural de nosso povo. Em quase cem anos, aliás, foi o que fizemos, indormidamente. E continuaremos a fazer, pelos tempos em fora, como um imperativo de nossa consciência e do nosso amor à gleba cearense, de onde surgem, às vezes, luzes que aclaram poderosamente a alma nacional, com o nome de Alencar, Capistrano, Clóvis, Farias Brito, Araripe Júnior e tantos outros, sem esquecer episódios glorificantes como a Libertação dos Escravos, a Confederação do Equador e a romântica República do Icó, tendo à frente indômitos sonhadores e guerreiros que cavalgaram pelos nossos sertões, iluminados pelo fulgor de seu idealismo. Mas, sem isso, não teríamos, por certo, a face que ora ostentamos diante do Brasil e do Mundo.

Se soubermos ser dignos de nosso destino, teremos sido fiéis à nossa cearensidade, sinônimo de resistência heróica, de pioneirismo e elevação de alma. E os séculos nos agradecerão.

Para isso vos convoco, Srs. Acadêmicos. O Ceará confia e espera. E a História colherá o fruto do nosso esforço, diante da generosa expectativa com que o povo nos contempla, à espera de que concorramos para o surgimento de um novo momento em nossa vida cultural, comemorando, assim, condignamente, o primeiro Centenário de nossa Academia, que inspirou a criação das demais, em todo o País, numa prova irrecusável do espírito precursor de nossa gente.

A todos - muito obrigado! De modo especial, agradeço ao caríssimo companheiro Eduardo Campos, tão leal e nobre, em tantas cavalgadas de esperança, que fizemos juntos, e que me saudou, nesta noite, e aos demais membros da Diretoria, com penhorantes palavras de afeto e de estímulo. Com sua retórica inconfundível e na gloriosa juventude de seus setenta anos, que acaba de completar, Eduardo Campos é uma voz a serviço da cultura e um exemplo para muitos escritores, pois continua fiel aos mesmos sonhos que iluminaram o início de sua carreira, quando, ao lado de Mozart Soriano Aderaldo, Moreira Campos, João Clímaco Bezerra, Braga Montenegro, Fran Martins, Otacílio Colares, Aluízio Medeiros, Stênio Lopes, Joaquim Alves e do poeta e quase santo Antônio Girão Barroso, sem esquecer Martins Filho, Cláudio Martins e Milton Dias, que ingressariam pouco depois, fundamos o Grupo CLÃ, o mais importante do Ceará, no século XX, que publicou mais de 200 livros, além de 29 números da Revista, realizando, igualmente, dois Congressos de Poesia, de repercussão nacional, e um Congresso Cearense de Escritores, a que compareceram colegas de todos os Estados, incluindo-se o Acadêmico e ex-presidente da República - José Sarney.

Para alegria nossa, Eduardo Campos retorna ao nosso convívio com o brilho de sua inteligência criadora e de sua fé nos destinos do espírito, neste ano em que o seu belo livro de contos - ÁGUAS MORTAS - completa meio século de publicação.

A ele e a quantos aqui vieram, os agradecimentos da nova Diretoria, que espera alcançar, no presente a grandeza de outros no passado.

Muito obrigado!